



## **Blogs Escolares: Dispositivos Comunicacionais Para a Aprendizagem Colaborativa<sup>1</sup>**

**Raquel Regina Zmorzenski Schöninger<sup>2</sup>**  
Colégio Atitude

**Ademilde Silveira Sartori<sup>3</sup>**  
Universidade do Estado de Santa Catarina

### **Resumo**

Instituições escolares estão adotando dispositivos de comunicação dispostos na rede que promovem a aprendizagem colaborativa. Realizou-se, então, uma pesquisa com a intenção de compreender como a escola cria/mantém dispositivos de comunicação com os alunos. A metodologia utilizada tem cunho qualitativo ou interpretativa. O objetivo geral foi analisar como as escolas básicas do município de Florianópolis, utilizam-se do *blog* para fomentar situações de comunicação entre a instituição escolar, a comunidade, os professores e os alunos. O procedimento metodológico consistiu na análise de documentos escritos *online*: os *blogs* das Escolas Básicas Municipais. A partir de suas características interativas, comunicacionais, institucionais e pedagógicas buscamos compreender como as escolas estão propiciando dispositivos que favoreçam a construção de ambiências comunicativas.

### **Palavras-chave**

Interação, blog, aprendizagem colaborativa, ambiência comunicativa

### **1. Introdução**

Para Paulo Freire (1987) a comunicação transforma seres humanos em sujeitos na medida em que a educação é vista como um processo da comunicação, uma construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialógicas entre os homens e o mundo. Essa abordagem de comunicação implica numa reciprocidade que não pode ser rompida e seu conteúdo não pode ser apenas comunicado de um sujeito a outro, mas sim ter um significado significante para ambos.

Freire em seus escritos elege duas concepções de educação: a concepção “bancária”, ou burguesa, e a concepção “problematizadora”, dialógica ou libertária.

Na concepção bancária o educador “deposita” conhecimentos e o educando memoriza de forma mecânica. O conhecimento é algo pronto, acabado e muitas vezes descolado da realidade do educando, que assume o papel de um mero receptor passivo. Assim, “educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Professora do Colégio Atitude.

<sup>3</sup> Dra. Em Ciências da Comunicação. Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. [ademildesartori@gmail.com](mailto:ademildesartori@gmail.com).



educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber” (FREIRE, 1987). Nesta prática educacional, a sala de aula torna-se cansativa, monótona, centrada na transmissão de informações, é o ditar e copiar, não há trocas de idéias ou debates, o educador não se comunica, ele faz “comunicados”. À educação bancária cabe manter a divisão entre os que sabem e os que não sabem, ela nega a dialogicidade, enquanto a concepção problematizadora ou libertadora tem seus pressupostos centrados no diálogo entre educador e educando e ambos aprendem juntos. Sendo assim,

não pode perceber que somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isso, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos, de uma realidade. (FREIRE, Op.Cit. p. 64)

Quando a prática educativa é pautada pelo diálogo, ocorre uma relação de comunicação entre educador e educando, e o conhecimento é construído nas trocas de saberes. Freire entende a educação problematizadora como um ato político, um ato de conhecimento e um ato criador, e o homem como um ser histórico, que se ‘refaz constantemente com o seu saber’. Dessa forma seu projeto educacional busca o fim da opressão e das desigualdades sociais e culturais, e isso só seria possível com o desenvolvimento da consciência crítica e histórica dos educandos.

De acordo com Sartori e Soares (2005, p. 8).

O educador brasileiro, mais do que inaugurar um pensamento dialógico, democrático e libertador na pedagogia nacional e latino-americana, transformou-se em um marco na história da Educação. Sua concepção de educação popular abalou as bases do ensino elitista vigente, repercutiu internacionalmente e produziu uma ruptura no percurso histórico da educação/comunicação. Ele apostava na educação por intermédio do audiovisual. Já na década de 60, a Conferência Nacional dos Bispos havia aprovado o uso da Telescola no Movimento de Educação de Base (MEB). Além disso, acreditava também na educação em outros espaços que não o da educação formal.

Ainda segundo as autoras, diante das tecnologias da comunicação e da informação, Freire evidencia que mais importante do que utilizar uma técnica ou uma tecnologia no processo de conhecimento, é necessário a problematização e a conscientização, que são elementos fundamentais para o ato pedagógico. Sendo assim, antes de utilizar qualquer dispositivo tecnológico, necessitamos conhecê-lo e entendê-lo, depois discutir sobre seus benefícios, ou seja, estabelecer uma visão crítica política e social e não apenas tecnológica.

Dessa forma,

[...] a prática educativa que, coerente com o ser que estamos sendo, desafia a nossa curiosidade crítica e estimula o nosso papel de sujeito do conhecimento e da reinvenção do mundo. Esta, no meu entender, é a prática educativa que vem sendo exigida pelos avanços tecnológicos que caracterizam o nosso tempo (FREIRE, *ibidem*, p.77).



Ao escrever seu livro *Extensão ou Comunicação?* (2006) Freire faz uma reflexão sobre a importância da comunicação na construção do conhecimento. O eixo central da discussão é que toda comunicação deve estabelecer uma relação social igualitária, dialogal e uma co-participação dos sujeitos no ato de conhecer. Sendo assim, de acordo com Freire (2006) ser dialógico é vivenciar o diálogo, é não invadir, não manipular, é acima de tudo envolver-se na transformação constante da realidade. “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (FREIRE, 2006, p. 43)”.

O pressuposto principal da teoria dialógica de Freire está no respeito ao educando e à sua realidade social, econômica e cultural, negando assim a transmissão mecânica de conteúdos, onde os alunos decoram e reproduzem aquilo que lhes é despejado pelo professor, e que ele chamou de educação bancária. Para ele, não é possível que a educação ocorra de forma bancária, pelo contrário, devemos ser ativos, transformadores da realidade que vivenciamos quando necessário. A educação, além de ser um ato político, é uma permanente troca entre aquele que ensina e aquele que aprende, é um diálogo constante e produtor de significados, dessa maneira:

o sentido atribuído ao diálogo, que pressupõe uma relação horizontal entre os seres, fundado “no amor, na humanidade, na fé dos homens”, é fundamental para a estrutura do conhecimento, visto que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, uma vez que se comunica a outros sujeitos igualmente cognoscente. (SARTORI; SOARES, Op. Cit., p. 8)

Para Freire (2006) “o mundo humano é um mundo de comunicação” e o diálogo entre os homens, uma vez que consiste de uma relação horizontal e não vertical, caracteriza a comunicação entre os sujeitos como uma prática social, na qual ninguém educa ninguém, mas os sujeitos educam-se uns aos outros a partir da troca de experiências e vivências. Neste ínterim, a comunicação deve proporcionar um diálogo verdadeiro, um pensar crítico, uma troca entre emissor e receptor, uma vez que para o educador brasileiro ‘tudo pode ser problematizado’, depende apenas da interação que será estabelecida entre os sujeitos.

Para Sartori e Soares (*ibidem.*, p.8),

a visão que Freire tem da comunicação dialógica parte de um paradigma sócio-estrutural; não se trata de um enfoque no âmbito pessoal, mas social e político, muito diferente do individualismo baseado na auto-realização. Ele condena os que acreditam que indivíduos possam ser transformados enquanto as estruturas sociais são mantidas intactas.

A teoria dialógica da comunicação de Paulo Freire pode ser caracterizada como antropológica, epistemológica e política. Antropológica, porque a comunicação é um elemento da natureza humana, pois os sujeitos se constituem na relação com os outros seres humanos, e isso acontece por meio da comunicação, do diálogo. Afinal, a comunicação é o elemento estruturante do homem e da relação social entre os sujeitos. É epistemológica na medida em que o conhecimento só acontece quando há comunicação, ou seja, é o resultado da relação social entre dois sujeitos pelo diálogo acerca do objeto que buscam conhecer. Na dimensão política, o diálogo deve acontecer



numa relação de igualdade entre os sujeitos, pois se um dominar o outro, então não pode acontecer comunicação, por que um vai ‘subjugar’ o outro.

Para o Freire (Op. Cit.) a comunicação transforma seres humanos em sujeitos na medida em que a educação é vista como um processo da comunicação, uma construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialógicas entre os homens e o mundo. Essa abordagem de comunicação implica numa reciprocidade que não pode ser rompida e seu conteúdo não pode ser apenas comunicado de um sujeito a outro, mas sim ter um significado significativo para ambos os sujeitos.

## **2. Comunicação dialógica e interativa**

Se para Freire a comunicação deve proporcionar um diálogo verdadeiro entre os sujeitos, para Marco Silva (2000) a interatividade contribui para a libertação da comunicação da lógica da transmissão. Para o autor, as mudanças ocorrem quando o modelo da mídia de massa, baseado na distribuição de informação, perde o centro da cena para a modalidade interativa de comunicação, em que todos podem participar e intervir num processo de co-autoria. Vê-se, portanto que:

na comunicação interativa se reconhece o caráter múltiplo, complexo, sensorial e participativo do receptor, o que implica conceber a informação como manipulável, como “intervenção permanente sobre os dados” (SILVA, Op. Cit.p.115)

Dessa maneira, o autor citado afirma, ainda, que o ciberespaço permite aos seus usuários muito mais do que uma distribuição de informação passiva, ou seja, não apenas lemos ou ouvimos aquilo que acessamos, podemos participar, intervir, selecionar, combinar, enfim, estabelecer um processo de co-autoria, na combinação das informações e dependendo até produzir outras narrativas e novos significados. Para o autor, essas possibilidades caracterizam a modalidade interativa da comunicação em rede e a interatividade que o computador pode proporcionar aos seus usuários. Ainda de acordo com Silva, na obra citada, na modalidade comunicacional interativa permitida pelas novas tecnologias informáticas, a mensagem é modificável na medida em que pode responder ao que lhe é solicitado pelo leitor/usuário/receptor.

O computador e a Internet são um marco dessa modificação paradigmática da comunicação. Sua disposição à interatividade permite ao usuário ser o ator, o autor, cujas capacidades imaginativas e criativas podem revelar-se de uma complexidade, de uma riqueza notável. O termo interatividade é empregado em vários contextos. Ouvimos a palavra interatividade com frequência, seja na mídia em campanhas publicitárias da TV digital ou de cursos *online* e à distância, ou mesmo nas escolas que dispõem de lousas digitais, por exemplo.

Não há como negar que o computador é o dispositivo que colocou a interatividade em evidência. A estrutura básica da interatividade é hipertextual. O hipertexto é por definição interativo. O termo interatividade deve ser resgatado em sua essência, pois atualmente observa-se a sua banalização. De acordo com Silva (Op. Cit.), o termo interatividade surgiu na década de 70 no contexto das críticas aos meios e tecnologias de comunicação unidirecionais. Destacamos o emprego do termo interatividade como sinônimo de interação; em alguns casos, referindo-se a interação digital, ou ainda, como troca de informação. Alguns autores entendem seu emprego como modismo, outros como um argumento de venda ou de dominação da máquina



sobre o ser humano. Pensamos, no entanto, que o termo vai além da troca de informações, pois abrange a construção e a circulação de significados.

Silva (1999) aponta que:

interatividade é, a partir dos anos 80, uma condição revolucionária, inovadora da informática, da televisão, do cinema, do teatro, dos brinquedos eletrônicos, do sistema bancário on-line, da publicidade, etc. Há uma crescente "indústria da interatividade", usando o adjetivo "interativo", para qualificar qualquer coisa cujo funcionamento permite ao seu usuário algum nível de participação ou troca de ações. (SILVA, p.27, 1999)

Segundo o autor, a discussão deve ir mais além, pois a interatividade emerge com a instauração de uma nova configuração tecnológica e devido a uma mudança na esfera social, na qual se observa uma crescente demanda por autonomia. A emergência da interatividade manifesta-se nas esferas tecnológicas, mercadológica e social. Silva (Op.Cit.) afirma que a interatividade é uma nova modalidade comunicacional em emergência num contexto complexo de múltiplas interferências, de múltiplas causalidades. Para ele, as novas tecnologias interativas podem renovar a relação do usuário com a imagem, com o texto e com o conhecimento.

O autor explica que interatividade é um conceito de comunicação e pode ser usado para significar a comunicação entre as pessoas, entre homens e máquinas e entre usuário e serviço. Dessa maneira:

Interatividade é a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressivamente complexo, ao mesmo tempo atentando para as interações existentes e promovendo mais e melhores interações – seja entre usuário e tecnologias digitais ou analógicas, seja nas relações “presenciais” ou “virtuais” entre seres humanos. (SILVA, Op.Cit. p.20)

O autor destaca três aspectos fundamentais da interatividade no ciberespaço: a) participação – intervenção: a construção da informação torna-se um processo de co-autoria, onde o receptor pode participar e intervir na mensagem. E essa participação, segundo o autor, deverá produzir significados e não apenas opinar entre sim e não ou escolher uma das opções, por exemplo; b) bidirecionalidade-hibridação: para o autor a comunicação é uma co-criação entre emissor e receptor, e ambos codificam e decodificam as mensagens. A bidirecionalidade e a hibridação é essa troca de papéis entre emissor e receptor, a comunicação torna-se uma produção conjunta entre os dois polos; c) permutabilidade-potencialidade: a comunicação é recíproca, uma troca de idéia e de informações dentro das potencialidades que a obra permite.

Encontramos no hipertexto a estrutura básica para que ocorra tanto a permutabilidade como a potencialidade, pois dependendo das combinações e contribuições dos emissores e receptores surgem novos textos, novas combinações das mensagens. O usuário deixa de ser apenas um espectador e se torna um co-autor da obra que acessa. Cabe, no entanto, ressaltar que alguns textos *on-line* não possuem as características hipertextuais, uma vez que são cópias de obras impressas e restringem os usuários a uma leitura linear.



### 3. Blogs e sua inserção na escola

*Weblog* ou simplesmente *blog* são palavras que entraram já no nosso cotidiano e nas nossas escolas, mas qual a origem e o conceito do termo *blog*? O termo *blog* é a abreviatura do termo original da língua inglesa *weblog* ou *web + log*. *Log* significa diário e *weblog* surgiu inicialmente como espécie de diário mantido na Internet por um ou mais autores.

De acordo com Barbosa e Granado (2004), os primeiros *weblogs* surgiram em 1997, ano em que Jorn Barger começou a chamar *weblog* ao seu jornal *on-line*, o Robot Wisdom. Em seguida surgiu a primeira ferramenta para criar *weblogs*, um *software* chamado Pitas, que veio facilitar a criação e, conseqüentemente, provocar um aumento na publicação de *blogs*. Em 1999, surgiu o *Blogger*, criado pela empresa Google<sup>4</sup>.

Na sua origem e na sua acepção mais geral, um *weblog* é uma página na *Web* que se pressupõe ser atualizada com grande frequência através da publicação de mensagens que podem ser constituídas por imagens, vídeos e/ou textos (muitas vezes incluindo *links* para sites de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais) e são apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes em primeiro lugar, logo que se acessa a página. A estrutura natural de um *blog* segue, portanto, uma linha cronológica ascendente<sup>5</sup>.

Os *blogs* podem ser classificados como individuais - pessoal e profissional (somente um autor) ou coletivos - grupal e organizacional (amigos, colegas, escolas, empresas, turma, bandas musicais etc.). Podem ser de caráter público (de livre acesso) ou privado (com acesso restrito), generalistas (que abordam variados temas) ou temáticos (que abordam temas específicos). E em geral visam o interpessoal, o grupal.

Em síntese, um *blog* não é apenas uma ferramenta para publicação de idéias, mas sim um dispositivo de debate, de intercâmbio e colaboração. A sua utilização no âmbito escolar pode ampliar as possibilidades de um diálogo com outras formas de saber entre as diferentes disciplinas do conhecimento escolar, pode, ainda, colaborar na construção de redes sociais de saberes ou comunidades de aprendizagens.

Diversas instituições escolares estão adotando dispositivos de comunicação, interação e educação dispostas na rede Internet, tais como: *blogs* e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), que promovem a aprendizagem de forma participativa, autônoma, colaborativa. Mas ainda se percebe que a maioria das experiências se dá em pequenos grupos, por iniciativa do professor de uma turma. Muitos professores ainda estão receosos em utilizar das Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC) em sala de aula, o que atrasa mais tal processo de inclusão digital e o exercício de seu uso, bem como inúmeras crianças e jovens não dispõem ainda de acesso facilitado à TIC, mas a escola pode ser um espaço privilegiado que promova tal inclusão.

Dessa forma, o *blog* pode ser usado por educadores como página de conteúdos, avisos, regras, exercícios, sugestões de leitura e outras informações referentes à escola ou às disciplinas, como ensaios, artigos ou *links* que enriqueçam ou embasem a matéria ou assunto que esteja sendo trabalhado em aula. Podem, ainda, ser utilizados para organizar debates em sala de aula, ou mesmo desenvolvê-los *on-line* como fóruns, e também abrigam informações sobre o desenvolvimento de projetos desenvolvidos por disciplinas individualmente ou de maneira interdisciplinar.

<sup>4</sup> Google Inc. (NASDAQ: GOOG) é uma empresa desenvolvedora de serviços online, sediada na Califórnia, Estados Unidos. Seu primeiro serviço foi o Google Search, hoje o site de busca mais usado no mundo, foi criado a partir de um projeto de doutorado dos então estudantes Larry Page e Sergey Brin da Universidade de Stanford em 1996.

<sup>5</sup> Acesso em 11 de maio de 2008 <<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Weblog>>>





O *blog* também é usado para publicar as produções escritas dos alunos de maneira colaborativa. Em outras palavras, um *blog* é um diapositivo que pode ser utilizado pela professora para criar uma ambiência comunicativa e proporcionar/ampliar diversas possibilidades de interação.

#### 4. Relato da pesquisa

Em 2009, realizamos uma pesquisa com a intenção de compreender como a escola cria/mantém dispositivos de comunicação com seus alunos, notadamente os *blogs*, visando compreender aspectos relacionados ao modo como a escola interage com os dispositivos de comunicação que dispomos hoje na cibercultura. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi de cunho qualitativo ou interpretativa. Nosso objetivo geral foi analisar como as escolas básicas do município de Florianópolis, Santa Catarina, utilizam-se do *blog* para criar ambiências comunicativas, ou seja, como utilizam o *blog* para fomentar situações de comunicação entre a instituição escolar, a comunidade, os professores e os alunos.

O procedimento metodológico adotado consistiu na leitura e análise de documentos escritos *online*: os *blogs* das Escolas Básicas Municipais (EBM) de Florianópolis, Santa Catarina, considerados como documentos contemporâneos e primários (MARCONI, LAKATOS, 2007). Optamos por analisar sistematicamente todos os *blogs* das escolas básicas, uma vez que chamou nossa atenção o fato de que num total de 33 *blogs* escolares municipais, 24 são de escolas básicas<sup>6</sup>.

A partir da observação e da sistematização dos dados buscamos caracterizar os *blogs* por suas características interativas, comunicacionais, institucionais e pedagógicas e, com isso, compreender como as escolas estão propiciando dispositivos que favoreçam a construção de ambiências comunicativas entre alunos, professores e comunidade em geral.

##### 4.1 Análise do ponto de vista tecnológico:

Os *blogs* são facilmente utilizados para a publicação na *web* sem conhecimentos de construção de *websites*, e frequentemente sem custos para os seus criadores, uma vez que existem sites que disponibilizam sistemas de criação, gestão e alojamento gratuito de *weblogs*. O editor de *blogs* utilizado por todas as escolas é o “*blogger*”, um programa é gratuito e de fácil manuseio.

##### 4.2 Análise do ponto de vista Institucional:

Todos os *blogs* observados são alimentados por uma professora coordenadora da Sala Informatizada. As postagens são assinadas pelas siglas: ‘SI’, ‘Nome da escola’ ou ‘Nome’ pessoal das coordenadoras.

Verificamos que 45% das postagens são assinadas pela SI e 38% aparecem em nome das coordenadoras, aparecendo seus próprios nomes. Em 17% das postagens aparece o nome da Escola como autora. Não encontramos nenhuma postagem assinada

---

<sup>6</sup> A observação dos *blogs* foi realizada até a data de 24 de junho de 2009. Destacamos, no entanto, que foram considerados os dados coletados no dia 24 de junho de 2009 para garantir a equidade dos mesmos, na medida em que se referem ao mesmo período para as informações de todos os *blogs*.



em nome de alunos, mas em diversas postagens a pessoa responsável esclarece que tal atividade foi realizada pelos alunos da sala tal ou identifica o nome dos mesmos, bem como o nome das professoras envolvidas nos projetos.

#### 4.3 Análise do ponto de vista estrutural:

Durante a criação de um blog, e a qualquer tempo, é possível adicionar até 100 autores para um único *blog*. Até o momento da pesquisa, constatamos que os blogs estudados não possuíam lista de autores ou colaboradores.

Em relação à indicação de *links* para outros sites, apenas 4 (quatro) *blogs* não apresentavam nenhuma lista. Naqueles em que encontramos uma lista de sugestões para acesso, identificamos que poderiam ser utilizados para pesquisa ou encaminhavam para jogos de aprendizagem, entre outros.

#### 4.4 Análise do ponto de vista comunicacional:

Os *blogs* são abertos à comunidade de internautas e aos alunos para comentários, o que faz com que tenham papel reativo às mensagens já postadas. A contribuição consiste no comentário a uma mensagem já publicada, ou seja, os alunos participam, mas não intervêm na postagem. quatro *blogs* têm muitos comentários, acima de 150, e 13, que representam 54,17%, apresentam um número inferior a 100 comentários. Percebemos que o número elevado deve-se a alguma atividade realizada pela turma que os alunos comentaram.

#### 4.5 Análise do ponto de vista educacional:

Na apresentação encontramos o objetivo da criação dos *blogs*, bem como a que se destina o espaço dos mesmos. Alguns possuem uma justificativa da proposta pedagógica, outros relatam brevemente seus objetivos. Os assuntos das postagens da maioria dos *blogs* referem-se aos temas que foram trabalhados na sala de aula e à descrição das atividades desenvolvidas pelas professoras e suas respectivas turmas.

#### 4.6 Algumas conclusões

Na análise do ponto de vista estrutural verificamos que o editor de *blogs* utilizado pelas escolas pesquisadas permite que se tenha até 100 autores cadastrados, o que viabiliza esse “fazer junto”, a escrita e a aprendizagem colaborativa. Nos *blogs* estudados, essa possibilidade de múltiplos autores está sendo pouco explorada, uma vez que os alunos não foram adicionados à lista de colaboradores, ou seja, não podem postar, apenas comentar. E se os alunos não realizam postagens, ou seja, não publicam, o potencial interativo do *blog* não é aproveitado na sua plenitude.

Os professores das turmas das escolas poderiam, por exemplo, organizar os alunos em grupos de colaboradores e gerar discussões no *blog* e assim criar situações de aprendizagens significativas. Outra possibilidade que destacamos é que os *blogs* podem servir como um espaço de intercâmbio e colaboração entre escolas, e assim as trocas podem ser inúmeras e entre toda a equipe pedagógica e também entre os alunos de outras instituições escolares da rede.

De acordo com Silva (op.cit.), um dos eixos para que a interatividade ocorra é a intervenção-participação, a participação deve contribuir com a discussão, acrescentar um significado e gerar novas intervenções e participações. O segundo eixo, a





bidirecionalidade-hibridação, remete para o fato de que com a co-criação, a mensagem transforma-se, sendo fruto da contribuição de ambos, tornando-se uma construção conjunta. O terceiro eixo, a permutabilidade-potencialidade, nos indica que a troca dos papéis do emissor e do receptor, dentro das possibilidades que o dispositivo apresenta, são aspectos importantes da interação. Percebemos que, nos *blogs* estudados, as participações ficam limitadas a comentários isolados, porque dificilmente alguém comenta ou responde aos comentários. Um *blog* é um dispositivo de comunicação interativo porque potencialmente permite a coautoria, a permuta de papéis de emissor e fonte e a bidirecionalidade da comunicação. Ou seja, participar do *blog* com comentários apenas, sem usufruir da possibilidade de postar, subutiliza o dispositivo.

## 5. Blogs de escola: ambiência comunicativa e a aprendizagem colaborativa

Os *blogs* escolares permitem a socialização dos assuntos trabalhados em sala de aula, da opinião dos alunos sobre as atividades e suas aprendizagens, bem como, possibilita a troca de idéias entre os professores das diferentes turmas. Essas trocas são possíveis de maneira *on-line* e de forma assíncrona, ou seja, cada um no seu tempo e espaço, essa é uma das vantagens dos ambientes virtuais na busca da construção coletiva do conhecimento.

Na aprendizagem colaborativa a participação, tanto de professores como de alunos, é que permite que o conhecimento seja construído na interação. Nesse sentido, o *blog* configura-se como um local onde o processo de ensino e aprendizagem pode ser fruto da ação coletiva. E a escrita colaborativa no blog da escola possibilita que todos os envolvidos aprendam a conviver com as diferentes idéias entre o grupo.

De acordo com Dillenbourg (*apud* Torres e Irala, 2007, p.70), a aprendizagem colaborativa pode ser entendida como “(...) uma situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas. (...)”, ainda de acordo com Torres e Irala (*op. cit.*, 2007, p.70):

esse conceito geral pode ser interpretado de várias maneiras: o número de sujeitos pode sofrer grandes variações, podendo ser duas ou milhares de pessoas; aprender algo também é um conceito muito amplo, pois pode significar o acompanhamento de um curso ou também a participação em diversas atividades como, por exemplo, as de resolução de problemas; o aprender “em conjunto” pode ser interpretado de diversas maneiras, como situações de aprendizagens presenciais ou virtuais, síncronas ou assíncronas, esforço totalmente em conjunto ou com divisão de tarefas.

As teorias que contribuem para a compreensão da aprendizagem colaborativa fundamentam-se na hipótese de que os sujeitos procuram e constroem o conhecimento num contexto significativo por meio das interações sociais. Dentre elas, destacam-se, a teoria sociocultural, baseada na intersubjetividade e na zona de desenvolvimento proximal (ZDP) de Vygotsky e o construtivismo de Piaget.

Para Vygotsky (1998), a mediação está presente em todas as atividades e relações humanas, e é no ambiente escolar onde a criança inicia suas relações humanas com pessoas diferentes dos seus familiares.

[...] a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, pois é mediada por meios, que se constituem nas “ferramentas auxiliares”



da atividade humana. A capacidade de criar essas “ferramentas” é exclusiva da espécie humana. (REGO, 2000, p.42)

Na concepção Vygotskiana, “o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social”. (Rego, op.cit., p.60)

Na aprendizagem colaborativa, à medida que o conhecimento vai sendo construído, o/a aluno/a participando ativamente, vai procurar fazer relações com aquilo que ele/ela já sabe, ampliando e formulando suas próprias respostas. Os alunos têm objetivos e trabalham em grupo para alcançá-los, dessa forma:

Ao professor não basta apenas colocar, de forma desordenada, os alunos em grupo, deve sim criar situações de aprendizagem em que possam ocorrer trocas significativas entre os alunos e entre estes e o professor (TORRES, IRALA, *Op. Cit*, p.71)

Nesse ínterim, destacamos o *blog* como um ambiente virtual colaborativo em potencial, uma vez que os comentários visam colaborar com a discussão levantada pelo autor nas postagens e quando acontece uma resposta aos comentários estabelece-se uma rede de trocas de conhecimentos e/ou idéias.

Metodologias mais participativas fazem do espaço escolar e da sala de aula um ambiente aberto a discussões em que o aluno se envolve ao realizar as atividades e reflete sobre o que faz, sendo-lhe dada a oportunidade de pensar por si mesmo, contribuindo para o pensamento crítico e a aprendizagem colaborativa. Portanto, os *blogs* contribuem para a construção da ambiência comunicativa nas escolas, uma vez que possibilitam esse espaço de troca, de cooperação e de encontro entre os sujeitos.

Pelo exposto, pode ser visto que a diferença entre a forma tradicional de comunicação, ou unidirecional, e a interativa, define-se na maneira como a mensagem é construída e o papel que assumem emissor e receptor.

Segundo Maria Helena S. Bonilla ( 2002 p.6):

para a educação, a compreensão desse conceito é de fundamental importância, uma vez que a relação pedagógica é uma relação entre seres humanos. Logo, a todos os sujeitos da educação deve ser oferecida essa possibilidade. Com isso, transformam-se os papéis desempenhados por professores e alunos em sala de aula.

Para que uma sala de aula seja interativa, tanto o emissor quanto o receptor devem trocar de papéis e ambos constroem juntos o conhecimento. Do contrário, nos remetemos à definição de Freire para a educação bancária, na qual o educador apenas transmite o conhecimento de maneira unidirecional, ou seja, parte sempre do emissor (professor) para o receptor (aluno) e este deve receber e armazenar a informação.

Entre os dispositivos de interação do ciberespaço, o *blog* oferece muitas vantagens por ser um dispositivo de comunicação que não necessita de interação síncrona, ou seja, alguém o acessa quando tem oportunidade ou acha mais conveniente. Não há necessidade de horário marcado, nem encontro presencial. Mas isso não anula a possibilidade de ser realizada uma atividade síncrona, na qual todos os participantes estejam ao mesmo tempo acessando o *blog*, lendo e já postando suas mensagens, comunicando-se, interagindo de lugares distintos.



A comunicação, neste sentido, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida e seu conteúdo não pode ser apenas o comunicado de um sujeito a outro, mas sim ter um significado significante para ambos os sujeitos, alterando a relação entre receptor e emissor.

Conforme dito anteriormente, o *blog* é um dispositivo de comunicação potencialmente interativo, porque permite a coautoria, a troca de papéis entre emissor e receptor e a mensagem se torna uma construção conjunta entre ambos. Até o momento da pesquisa, constatamos que a maneira pela qual o *blog* tem sido administrado, com um autor apenas e sem postagens de alunos, a sua potencialidade interativa está sendo comprometida, assim como a construção da ambiência comunicativa pelas escolas. Nesse sentido fizemos alguns apontamentos: como uma estratégia de potencialização do uso de blog pelas escolas, o NTE poderia promover mais cursos de capacitação para os professores, visando explorar mais as ferramentas interativas que um *blog* possui; promover discussões acerca da educação e a teoria dialógica de Paulo Freire e a concepção de interatividade em Marco Silva, na busca de maior fundamentação teórica; chamar os alunos e a comunidade para participar do *blog* como autores, ampliando os espaços comunicativos e promovendo uma maior participação.

## 6. Referências bibliográficas

- BARBOSA, E. ; GRANADO, A.. **Weblogs, Diário de Bordo**. Porto: Porto, 2004.
- BONILLA, Maria Helena S. **Escola aprendente: desafios e possibilidades** postos no contexto da sociedade do conhecimento. 2002. Tese, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador - BA.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 13<sup>a</sup> ed. 2006.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 17<sup>a</sup> ed. 1987.
- MARCONE, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky. Uma perspectiva histórico – cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SARTORI, Ademilde S. ; SOARES, Maria S. P.. **Concepção Dialógica e as NTICs: A educomunicação e os ecossistemas comunicativos**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005. <<acesso em 19/12/2008>> Disponível em: [http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes\\_orais/CONCEP%C3%87%C3%83O%20DIAL%C3%93GICA%20E%20AS%20NTICS-%20A%20EDUCOMUNICA%C3%87%C3%83O%20E%20OS%20ECOSSISTEMAS%20COMUNICATIVOS.pdf](http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais/CONCEP%C3%87%C3%83O%20DIAL%C3%93GICA%20E%20AS%20NTICS-%20A%20EDUCOMUNICA%C3%87%C3%83O%20E%20OS%20ECOSSISTEMAS%20COMUNICATIVOS.pdf)
- SILVA, Marco. **Comunicação Interativa e Educação**. Tese de doutorado FE-USP.1999.
- \_\_\_\_\_. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.
- TORRES, Patrícia L.; IRALA, Esrom A.F. **Aprendizagem Colaborativa**. In: Algumas vias para entretecer o pensar e o agir. Curitiba: SENAR-PR, 2007.
- VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- <http://www.pmf.sc.gov.br/nite/>. <<acesso em 20/12/2008, 26/12/2008>>